

**Concepções de conhecimento e racionalidades no Serviço Social brasileiro:
estudo de produções bibliográficas**Fernanda Nunes da Rosa Mangini¹**1 Introdução**

Nos últimos anos, a questão da produção de conhecimentos no Serviço Social do Brasil vem ganhando algum espaço nas reflexões de pesquisadores, embora ainda sem maiores aprofundamentos. Sob diferentes interpretações acerca de sua importância, esse tipo de pesquisa aparece relacionado ao debate entre teoria e prática e aos instrumentos e técnicas da ação profissional.

Em nosso entendimento, a reflexão sobre a produção de conhecimentos na área, constitui-se em um fator chave para qualificar o exercício profissional e renovar a pesquisa. Isso porque tal reflexão permite uma avaliação das pesquisas desenvolvidas, proporcionando uma espécie de retrato de como os pesquisadores tem direcionado as questões de pesquisa, e encaminhado soluções para os problemas, notadamente aquelas relacionadas ao *como fazer* profissional, que permanecem em aberto.

Como o conhecimento é central tanto para a formação quanto para o exercício profissional, resolvemos empreender uma investigação sobre as concepções de conhecimento presentes entre os pesquisadores/profissionais de Serviço Social. Para isso, realizamos um recorte na bibliografia da disciplina “Política social, serviços sociais e ação profissional do Assistente Social”, por concentrar um material de pesquisa apropriado e atual. Essa disciplina foi cursada durante o semestre 2011/2, no curso de doutorado do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico-documental que teve o foco na reflexão e análise do material. Os procedimentos incluíram a leitura e a organização de todo o material da Unidade III do programa da referida disciplina². A reflexão e análise do material foram realizadas até atingir a saturação dos

¹ Mestre em Educação e Serviço Social, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Endereço eletrônico: fernanda_nunes_rosa@yahoo.com.br. Brasil.

² A Unidade III versa, especificamente, sobre tendências do debate contemporâneo acerca das ações profissionais dos Assistentes Sociais no campo da política social. Já nas Unidades I e II, aborda-se a relação entre Serviço Social e política social, tendo como pano de fundo os processos de focalização, assistencialização, judicialização, privatização e responsabilização da família.

dados, mediante os critérios de não repetir autores e de priorizar determinadas fontes de referência de modo a aprofundar naqueles trabalhos mais representativos.

Em síntese, nosso objetivo consiste em analisar as concepções³ de conhecimento a partir de determinados artigos da disciplina “política social, serviço social e ação profissional do assistente social”. O presente trabalho está estruturado em duas grandes sessões: na primeira aproximamos o universo de construção das concepções de conhecimento, apresentando os principais pressupostos contidos nos artigos como recurso para dar voz aos autores; na segunda, retomamos, em perspectiva analítica, esses pressupostos que trazem concepções de conhecimento subjacentes.

Partindo do reconhecimento da importância desses autores para o atual estágio de conhecimentos na área, é que propomos um debate no sentido de colocar novas questões e possíveis encaminhamentos.

2 Revisão dos artigos

Nessa seção, apresentamos as principais ideias do material que foi objeto de nossa análise, dentro de duas perspectivas ou eixos de discussão: um mais relacionado ao debate sobre teoria e prática e outro mais direcionado para o instrumental técnico-operativo do serviço social. Os autores de referência da primeiro eixo foram Netto (1989), Baptista (2009), e Forti e Guerra (2010). No segundo eixo, os autores de referência foram Sarmiento (2009), Trindade (2009) e Santos e Noronha (2009).

2.1 Eixo sobre teoria e prática

Netto (1989) aponta uma série de questões sobre a sistematização da prática e da teoria em Serviço Social. Identifica que ocorre uma subsunção da reflexão teórica aos procedimentos sistematizadores na área. A polêmica é situada no embate entre a perspectiva epistemológica e a ontológica de inspiração marxista, da qual esse autor advoga. Não entraremos nessa discussão por entender que ela extrapola o espaço da presente reflexão. Importa apreender os principais aspectos do pensamento do autor que dizem respeito ao conhecimento.

Assim, a construção teórica está ligada ao ponto de vista da *totalidade* e ao campo das ciências sociais, especialmente a tradição marxista. Para Netto (1989), “foi exatamente a ‘saída’ do campo profissional, o remeter-se ao exterior do Serviço Social, o referenciar-se pelas chamadas ciências sociais ou pela tradição marxista [...] que registraram os avanços verificados entre nós nas últimas décadas”. (p. 147-148). Os avanços registrados na profissão não se produzirão senão por recursos teóricos e até práticos “exteriores” ao campo profissional. Nessa linha de raciocínio, Netto (1989) entende que:

³ Por concepção, consideramos a imagem do conhecimento sobre determinado objeto, que vem permeada de valores, crenças, ideologias, cultura, e metamorfoseada pelo movimento da categoria profissional e da sociedade (Jantsch, 1996).

os procedimentos sistematizadores são induzidos como exigências da própria prática, e suas resultantes não se propõem como produtos de elaboração teórica; antes, a pesquisa e a investigação se situam como constitutivas mesmas da prática profissional. O momento teórico – que se remete às chamadas ciências sociais ou à tradição marxista, e que pode perfeitamente ser protagonizado pelo assistente social [como produtor teórico, o assistente social não se distingue do cientista social ou do teórico vinculado à tradição marxista] –, indispensável para oferecer parâmetros de competência, de eficácia e de (auto)-crítica no exercício profissional do assistente social enquanto tal, este momento inscreve-se para além do serviço social (que a ele deve recorrer sistematicamente): constitui como elaboração teórica estrita, tarefa precípua de uma instância de reflexão que não é o componente orgânico e sistemático da intervenção profissional. (p. 147-148).

Baptista (2009), discute as relações entre prática social e prática profissional, sob influência de diferentes teorias. Afirma que a prática profissional está circunscrita dentro da prática social, e distingue três tipos de práxis: produtiva (fundamental); utilitária (de intervenção); e de conhecimento. O segundo tipo não dá a *compreensão* e nem a explicação do mundo. Já o terceiro é caracterizado pelo movimento dialético articulador do pensamento (ideal) com o real e as atividades práticas.

Forti e Guerra (2010), consideram que a formação e a intervenção estão marcadas pelos inúmeros dilemas atuais. Nesse sentido, o preparo da profissão para enfrentar essas questões depende do desenvolvimento de uma *compreensão* substancial da economia, da cultura, da política, dos movimentos sociais, das instituições jurídico-políticas, das organizações sociais e da dinâmica das relações grupais e interpessoais. Caberia investir rigorosamente no desvelamento dos fundamentos sócio-históricos e ideoculturais dessas questões, por meio da problematização dos fenômenos, da análise rigorosa, crítica e prospectiva.

Ou seja, são imprescindíveis momentos de apropriação teórica para que haja uma inserção qualificada do assistente social nos espaços sócio-ocupacionais com respostas competentes às demandas sociais. Isso não significa que a teoria tenha a possibilidade de ser implantada na realidade social ou tenha a capacidade de dar respostas imediatas para as essas questões. Em outros termos, a teoria não pode ser aplicada diretamente na prática, como postula o pragmatismo⁴.

⁴ No pragmatismo, o valor da teoria depende da sua capacidade de responder imediatamente à realidade. Nessa perspectiva, a verdade da teoria reside na sua utilidade e aplicabilidade, e não na sua capacidade de explorar e explicar os fenômenos. De acordo com Forti e Guerra (2010), os resultados da ação são direcionados para o êxito individual, em detrimento do processo desencadeado para o conhecimento da realidade e das respostas às reais necessidades coletivas, marcando o caráter instrumental dessa perspectiva. A partir disso, as autoras sinalizam algumas implicações do pragmatismo, como tornar a produção de conhecimento instrumento de manipulação por não desvelar a realidade e reproduzir o imediato, e considerar inúteis, inoperantes e impotentes os pressupostos teóricos que não sirvam para justificar o existente e/ou não viabilizem respostas imediatas às exigências práticas da sociedade.

Na perspectiva ontológica apregoada pelas autoras, a prática é a referência da teoria, que é entendida como o processo de elevar o conceito ao movimento concreto. Advertem que tomar a prática como referência não significa compreendê-la como mera atividade irrefletida, reiterativa e mecânica, posto que não deriva das ações automáticas e rotineiras dos indivíduos no seu cotidiano. Desse modo, não superestima a experiência e nem negligencia a teoria.

A prática por si só não é considerada como fonte de saber. A particularidade dos fenômenos deve ser apreendida como parte integrante de uma totalidade maior. Ao assistente social “cabe exercitar o *tempo todo* a sua capacidade de captar criticamente essa realidade social que é contraditória e dinâmica, e pressupõe a busca constante de sustentação teórica, política e ética. Essa é a condição – o requisito imprescindível – do seu trabalho profissional”. (Forti & Guerra, 2010, p. 8, *itálico nosso*).

2.2 Eixo sobre instrumentos e técnicas

Para Sarmiento (2009), dentro do campo da tradição marxista não tem-se dado o mesmo vigor e dedicação teórica à intervenção profissional que se tem dado à explicação da sociedade capitalista. Como profissionais e estudantes tem reforçado um apelo por respostas no âmbito da intervenção profissional, o autor entende que essas manifestações tem algum significado, e sinaliza para a questão teórico-prática em aberto no Serviço Social, que é rica de possibilidades. Considerando que o discurso profissional marginalizou o que se faz, cumpre discutir o que faz o Assistente Social, como faz e para que faz. Essa discussão, entretanto, não pode ficar limitada ao dever ser.

O caminho de pesquisa e produção do conhecimento deve implicar nos seguintes elementos de análise, de acordo com Sarmiento (2009):

- a) o caminho de ida, da contemporaneidade ao cotidiano: reconhecendo a necessidade de pensar (fundamentos teóricos) a globalização, a tecnologia, as formas de apreensão do real (estilos de pensamento), as transformações nos modos de produção e reprodução social, as organizações, os conhecimentos procedimentais; b) o caminho de volta, do cotidiano à contemporaneidade: a partir da apreensão do cotidiano, da ética e da política, a reprodução, da relação teoria-prática e teoria-realidade, o instrumental-técnico, a construção do objeto da ação profissional. (p. 2-3).

Feitas as considerações, o autor parte para a discussão dos instrumentos e técnicas que são concebidos como expressão de intencionalidades teórico-políticas e maneiras por meio das quais o profissional conduz suas ações. Nesse ínterim, o autor introduz a noção de conhecimentos procedimentais que são entendidos como aspectos administrativos e burocrático funcionais da organização e funcionamento da LOAS/SUAS articulados à defesa de direitos sociais. Também afirma que os mesmos não podem ser negligenciados, mesmo considerando a sua racionalidade instrumental.

Trindade (2009) apresenta as principais atribuições do assistente social, os procedimentos da ação profissional e o instrumental técnico-operativo empregado na ação. Propõe uma categorização dos principais procedimentos desenvolvidos

no Serviço Social pelo seu caráter individual, coletivo e administrativo-organizacional. Para tanto, busca abordar o instrumental técnico-operativo numa perspectiva histórica e teórica que permita apreendê-lo na sua condição de elemento integrante da intervenção do assistente social nas relações sociais.

Santos e Noronha (2009) abordam os elementos fundamentais da concepção de instrumentos e técnicas de assistentes sociais, problematizando-os na prática desses profissionais. Partindo do pressuposto de que os instrumentos estão associados às demandas, condições e relações de trabalho do assistente social, consideram que a sua utilização requer o domínio sobre o que é o serviço social, sua natureza, seu objeto e seu âmbito de intervenção.

As autoras salientam que ocorre pouca produção sobre esse tema no âmbito de serviço social. Na literatura que aborda a questão, o instrumental é concebido como um conjunto articulado de instrumentos e técnicas, que não podem ser tomados por si só, sem referência à uma unidade dialética. Trata-se o instrumento como o elemento potencializador da ação profissional, isto é, como conjunto de recursos ou meios que permitem a operacionalização dessa ação. A técnica, por sua vez, é associada à habilidade no uso desse instrumento, como uma qualidade atribuída aos mesmos.

3 Concepções de conhecimento e racionalidades

Sarmiento (2009), entende que a atividade teórica corresponde à produção de conhecimentos. Daí é possível depreender que sua concepção de conhecimento deriva fundamentalmente da noção de teoria. O autor também entende que, no processo de trabalho também se produz conhecimento, isto é, a partir da prática.

Ao dizer que a teoria não corresponde apenas às exigências e necessidades da prática, o autor está se reportando a uma concepção de teoria mais ampla, próxima daquela da ciência. Isto também pode ser visualizado no entendimento da questão teórico-metodológica com um concepção de teoria mais próxima de processos exploratórios, descritivos, de leitura da realidade, como podemos observar no excerto de Sarmiento (2009):

Esta questão teórico-metodológica diz respeito ao modo de ler, de interpretar e de se relacionar com o ser social, com a sociedade presente, é uma relação entre sujeito cognoscente (que *está buscando compreender e desvendar esta sociedade*) e o objeto investigado (que ao ser compreendido é passível de ações que podem transformá-lo. (p. 8).

Com isso, não estamos sugerindo que essa concepção de conhecimento de caráter mais abrangente seja inválida para uma profissão, pelo contrário, é necessária e torna-se fecunda e enriquecedora pela possibilidade de leitura da realidade. O que se quer destacar é que prevalece uma concepção de conhecimento predominantemente contemplativo, afastando-se um pouco dos objetivos da profissão. Quando se refere a um conhecimento operacional (*como fazer*), geralmente o mesmo é confundido com o instrumental técnico-operativo (por exemplo: para o autor, são os instrumentos e técnicas que permitem a operacionalização das propostas de ação conscientemente definidas).

Nesse sentido, a concepção de conhecimento é bastante ampla e fluída, demonstrando que a profissão precisa avançar muito neste campo se quer fazer pesquisa direcionada para o exercício profissional. Contudo, reconhecemos a importância e o esforço de sistematização do autor, que está avançando no caminho do complexo de relações entre o conhecimento produzido e aplicado.

Sendo assim, no que diz respeito ao conhecimento, podemos dizer que prevalece uma racionalidade cognitiva, isto é, mais próxima da atividade científica (na perspectiva de atribuir valor ao conhecer em busca dos significados e da verdade), e uma concepção de conhecimento mais relacionada ao valor de compreender do que ao de aplicar.

Baptista (2009), apresenta sua concepção de conhecimento subjacente a discussão de teoria e prática, como um elo de ligação entre esses dois *pólos*, expresso na terceira modalidade de *práxis*. Portanto, apresenta uma concepção bastante ampla, pautada numa reflexão filosófica bastante abstrata com relação as questões profissionais. No aspecto valorativo, chama atenção a comparação entre *práxis* utilitária e de conhecimento, posto que a última, possibilita a compreensão e a explicação do mundo. No que diz respeito à *práxis*, o conhecimento aparece atrelado aos valores de *compreender* e *explicar*.

No pensamento de Netto (1989), as teorias dizem respeito ao espaço das ciências sociais, e a teoria marxista. O autor não vê a possibilidade de ocorrer a elaboração de uma teoria do Serviço Social, pois a entende como modelo compreensivo do processo social. Como as teorias estão ligadas a capacidade de *compreender* e *explicar* a realidade, o autor não vislumbra a possibilidade de serem construídas teorias específicas do Serviço Social (corpus teórico particular e autônomo). A sistematização que ocorre no nível dos procedimentos da prática profissional não se configura como produto de elaboração teórica, e sim como requisitos para estabelecer padrões de conduta institucional eficazes e para regularizar e normatizar a reprodução da categoria profissional. A contribuição teórica do Serviço Social, inserida dentro de uma concepção de conhecimento explicativo e abrangente, é inscrita no campo das ciências sociais e do marxismo, como podemos observar no excerto de Netto (1989): “interditada-se um saber teórico constituído e construído pela profissão”. (p. 151).

Forti e Guerra (2010) apresentam uma concepção superestimada da teoria no tocante ao seu potencial interpretativo e a sua abrangência, supondo que a mesma possa dar conta de inúmeras particularidades e possa corresponder a realidade histórico-social. Com base em Jantsch (1996), os conhecimentos científicos são limitados para compreender a totalidade histórico-social, porque os objetos científicos e filosóficos, no máximo, podem ser constituídos como totalidades epistêmicas, uma vez que integram recortes da realidade, ou seja, da totalidade histórico-social. A totalidade epistêmica depende da realidade histórico-social para ter sentido, mas a totalidade histórico-social não se restringe à totalidade epistêmica.

Enfim, são questões que implicam em um debate mais extenso e aprofundado. De todo modo, para os objetivos deste trabalho, vale salientar que, as autoras manifestam uma concepção de conhecimento como sendo predominante teórico, de cunho filosófico-científico. Por teoria consideram somente aquelas do campo científico que apresentam potencial *explicativo* e

compreensivo (foco *saber que*). As chamadas “teorias intermédias”, cujo *saber que* pode estar mais próximo do *saber como*, não são consideradas teorias, pelo contrário, integram um quadro referencial inconsistente, eclético, constituído de informações parciais, fragmentadas e abstratas. (Baptista, 1992).

À racionalidade instrumental é atribuído um carácter negativo, reforçando os valores de uma determinada cultura académica. Embora se reconheça que as teorias desse tipo não possam ser aplicadas diretamente na prática, não são apresentadas alternativas ao profissional, além de um esforço intelectual para compreender as operações particulares que tem conexão com a *totalidade*, de modo a garantir o suposto elo existente entre teoria e prática.

Partindo de uma perspectiva realista, compreendemos que não é possível fazer esse exercício intelectual o *tempo todo* no cotidiano do exercício profissional. Com base nas reflexões sobre o campo da engenharia de Mitcham (1997), entende-se que nem sempre é possível levar em conta a complexidade dos fenômenos, pois a atividade de engenharia também demanda a simplificação, ainda que não se deva perder de vista a complexidade. Para que sejam alcançados alguns resultados específicos, por vezes, impõe-se a tarefa de simplificar como requisito para poder projetar e construir o conhecimento. Por outro lado, a complexificação, como atividade que implica levar muitos fatores em conta, se coloca como recurso para garantir um encaminhamento ético e justo para as ações.

Nesse sentido, parece ser necessário ter presente a racionalidade instrumental no que diz respeito a atividade profissional. A partir dessa perspectiva, são necessárias elaborações de parte dos profissionais, principalmente dos pesquisadores com teorias orientadas para a aplicabilidade e a funcionalidade, um tipo de *saber que* visando procedimentos (*saber como*) e vice-versa.

Trindade (2009) traz importantes contribuições sobre o fazer do assistente social. Na sua leitura é possível identificar uma certa equivalência entre procedimentos e ações profissionais, temática que vem recebendo tratamento sistemático da parte de outros autores, preocupados em definir conceitualmente e distinguir formas de abordagem de procedimentos, entre outras questões. No tocante aos objetivos do presente trabalho, importa em vislumbrar a dimensão do conhecimento na ação profissional.

Embora a autora não entre muito na questão do conhecimento propriamente dito, é possível arriscar uma análise sobre certas concepções de fundo. A proposta dela consiste em abordar o instrumental técnico-operativo numa perspectiva histórica e teórica, isto significa apreendê-lo como parte da intervenção do Serviço Social nas relações sociais. Pois bem, a partir dessa compreensão, depreende-se que a única forma legítima de tratar teoricamente o instrumental técnico-operativo é situá-lo no contexto mais amplo das relações sociais. Isto reforça a cisão entre as propaladas dimensões teórico-metodológicas e técnico-operativas, uma vez que o instrumental técnico-operativo não implica em teorização específica.

Para escapar de uma concepção reducionista do instrumental técnico-operativo à noção de habilidades e técnicas, propõe situá-lo nas relações sociais mais amplas, que parecem ser as únicas formas vislumbradas para *compreender*

e *explicar*, e, portanto, de situar a questão no âmbito do conhecimento (novamente reforçando uma visão de conhecimento mais ligada a ciência, a verdade e a *compreensão* dos fenômenos). Com isso, cumpre destacar que, em nenhum momento, procura-se menosprezar a importância desse conhecimento e da reflexão sobre o instrumental em questão. O que tentamos captar é a falta de atenção sobre uma instância que pode ter seu próprio *saber que*, porque apresenta determinadas regularidades.

No artigo de Vincenti (1990) sobre a forma como os engenheiros conhecem, chama a atenção que o próprio *saber como* tem um *saber que* implícito. Ou seja, o saber técnico demanda um estudo específico sobre ele, como instância particular de conhecimento que é. A própria autora, referindo-se ao plantão social, reconhece a existência de problemas relacionados a falta de valorização e qualificação do campo profissional. Em suas palavras, “a utilização dos instrumentos acaba se reduzindo à operacionalização das exigências institucionais, sem contribuir para a potencialização e qualificação da prática”. (Trindade, 2009, p. 5).

Essa afirmação só faz reforçar o pressuposto do desconhecimento e da falta de valorização do conhecimento que pode e deve ser produzido com base no *como fazer* do profissional. Em nossa visão, o estudo da peculiaridade do conhecimento profissional pode auxiliar a qualificar esse campo. Aponta-se como norte as seguintes questões: Será que os assistentes sociais atuam como meros técnicos que simplesmente *sabem fazer* sem articular os conhecimentos que dizem respeito a esse fazer?. Será possível explicar o que conhecem os assistentes sociais ao *saber como* fazer as coisas? Qual a proporção de conhecimentos implícitos e explícitos é possível identificar em um procedimento? Estas, entre outras questões, levam a consideração que o debate tem muito a contribuir para a formação e o exercício profissional.

Ainda que a reflexão proposta aqui não se refira apenas ao instrumental, e sim a ação profissional, vale situar questões mais específicas como recurso para tentar elucidar a reflexão: Como fazem os assistentes sociais para comunicar situações desastrosas aos familiares? *Como fazem* uma campanha para doação de órgãos, por exemplo? Qual o conhecimento mobilizado nessas ações? Como captam doadores de sangue? São questões para as quais a teoria social marxista não se reporta, uma vez que não constituem seu objeto de estudo. Mesmo se fossem objeto, não basta situar essas questões apenas no âmbito de teorias mais amplas, já que visam *explicar*, e não refletir sobre procedimentos mais adequados, formas de intervir.

Esse tipo de reflexão tende a não ser visto pela categoria profissional como uma forma de produzir conhecimento. Esse tipo de conhecimento acaba tendo sua validade e legitimidade questionadas. Quando é mencionado, aparece como saber prático, de forma pouco clara, e ainda nebulosa, sendo algumas vezes concebido apenas como um conhecimento da população usuária e da realidade local. Embora o artigo de Trindade (2009), tenha um objetivo bastante amplo de apresentar as principais atribuições do assistente social, não aprofunda os aspectos que dizem respeito ao *como fazer*, permanecendo nas dimensões do *que fazer e para que fazer*, como a maior parte das publicações que se ocupam das ações profissionais. Outro ponto que não tem merecido atenção é a

constituição de um vocabulário profissional ⁵, que é resultado de um desenvolvimento conceitual próprio da área.

Ainda merece destaque a menção da autora de que os profissionais devem desenvolver habilidades políticas, mas sem deixar claro o que entende por essas habilidades, nem como elas podem ser desenvolvidas. É evidente que algumas pessoas tem mais facilidade do que outras nessas questões, entretanto, se isto é considerado importante no exercício profissional, não isenta de ensinar tais habilidades nas instituições formadoras. Toma-se como referência a profissão médica, de cuja habilidade para fazer uma incisão precede acompanhamento e treinamento. O procedimento de aplicar uma injeção, por exemplo, depende muito de habilidades pessoais, como o manejo com as mãos, porém, não prescinde de um conhecimento sobre a técnica, um ensinamento sobre as melhores formas de executar o procedimento e um treinamento para desenvolver tais habilidades.

Não obstante a variabilidade das demandas, dos espaços de atuação e dos objetivos dos profissionais, considera-se possível identificar certas regularidades que permitam a discussão de procedimentos. Considerar o contrário, pressupõe uma realidade profissional caótica, dentro de uma sociedade que não produz e reproduz certos padrões de comportamento. Em síntese, na presente análise, o elo das dimensões teórico-metodológica e técnico-operativa é garantido mediante reflexão com base na teoria social. A teoria que diz respeito aquelas produzidas no âmbito das ciências sociais, especialmente no seio da tradição marxista, é que permite *explicar*, iluminar, e refletir sobre a prática profissional, garantindo a desejável indissociabilidade da *práxis*.

Em muitos aspectos os artigos de Trindade (2009), Santos e Noronha (2009) se aproximam. As últimas autoras mencionam o fato de a temática ter despertado pouca atenção dos pesquisadores e profissionais nos últimos anos. Na perspectiva do presente trabalho, esse é possivelmente mais um indicativo da desvalorização da racionalidade instrumental no campo profissional. Sem a pretensão de justificar a questão, as autoras apontam para a crítica do tecnicismo na herança intelectual e cultural, e a sua subordinação as demais dimensões.

Entretanto, mesmo abordando e qualificando o debate do instrumental técnico, por vezes prevalece uma racionalidade *teórico-compreensiva* fortemente influenciada pela cultura marxista academicista, como na assertiva: “o referencial crítico-dialético é o *único* que pode nos ajudar a compreender estas e outras contradições para que, a partir desse conhecimento, encontremos a melhor forma de agir”. (Santos & Noronha, 2009, p. 17, itálico nosso). Depreende-se do exposto que, as autoras conferem supremacia as teorias macro estruturais, como única forma de conhecimento possível para o exercício profissional. Nesse íterim, pressupõem a passagem da finalidade ideal (teoria) à finalidade real (prática), como se o conteúdo, os objetivos e a finalidade da ação profissional fossem definidos pela teoria, particularmente a de inspiração crítica.

Essa forma de racionalidade também parece estar presente na seguinte proposição: “o ‘*como*’ só pode ser pensado a partir do ‘*para que*’” (Santos & Noronha, 2009, p. 17), retomando a polêmica da complexificação e da simplificação, que foi abordada anteriormente. Ainda nessa acepção, se o ‘*como*’

⁵ Termos como aconselhar, orientar, esclarecer, precisam de um tratamento mais rigoroso.

não pode ser tomado separadamente, o mesmo não é válido para o seu complemento, pois o *para que* tem sido discutido amplamente na profissão dissociado do 'como'⁶. Esse, por sua vez, é sempre referenciado a uma lista de habilidades e técnicas, sem um aprofundamento que poderia até resultar em um novo *saber que*.

4 Considerações finais

A ciência, como campo de construção do conhecimento básico, não tem vinculação direta com as aplicações práticas e com os problemas sociais. A questão reside no foco, na lógica e na razão de ser desse conhecimento, pois a ciência está preocupada com quebra-cabeças teóricos para conhecer mais e melhor, que é a sua finalidade. Somente por meio de um tipo peculiar de conhecimento, que embora mantenha relações com a ciência, não se confunde com ela, é que podemos incrementar o campo profissional e responder de maneira mais qualificada as demandas do exercício profissional.

Esse tipo peculiar de conhecimento é a tecnologia, cuja lógica está ocupada de questões práticas, fazer funcionar, fazer melhor, resolver problemas do dia-a-dia, apresentar soluções, criar novas possibilidades. Embora a tecnologia tenha um propósito prático, não se reduz ao *saber fazer* ou a conhecimentos tácitos. Hoje, a tecnologia conforma um campo vasto e sólido de conhecimentos de caráter explícito, formal e descritivo. Seu foco é o saber útil, operacional ou instrumental, mas nada impede que produza um saber não imediatamente útil.

Com base no artigo de Cupani (2006), sobre a peculiaridade do conhecimento tecnológico, vimos como essa forma de conhecimento tem suas próprias teorias (específicas por tarefas e simplificadas, base de um sistema de regras, normas e instruções), paradigmas (composto de produtores e usuários – produtores podem não ser técnicos e usar diferentes tipos de conhecimentos, etc), conceitos (por exemplo: chip) e sistemas de valores (beleza, eficiência, confiabilidade, economia de tempo, esforços e recursos, previsibilidade). Assim, a tecnologia prioriza a racionalidade instrumental, desde o ponto de vista do conhecimento.

Cabe acrescentar que, como lógicas diferenciadas que são a ciência e a tecnologia, na primeira conta mais a verdade e a ampliação do conhecimento, ao passo que na segunda conta mais a eficiência (a verdade da tecnologia pode ser traduzida como aquilo que funciona). A eficiência, por sua vez, pode ser definida de acordo com diferentes critérios, como possibilitar ações, aliviar o trabalho ou aumentar o rendimento. Enfim, o conhecimento tecnológico é essencialmente prescritivo e operativo, baseado em regras e normas.

Conforme Cupani (2004),

a tecnologia surge na medida em que, ou bem se indaga a fundamentação teórica das regras técnicas, ou bem se busca aplicar conhecimentos científicos à solução de problemas práticos... não existe tecnologia onde o homem se limita a aplicar um saber-fazer, ou a servir-se de artefatos sem se perguntar pela sua base teórica nem procurar o seu aperfeiçoamento...

⁶ Faz-se referência aos inúmeros debates sobre o projeto ético-político, seus valores e princípios. Ver, por exemplo, Barroco (2004).

Essa é a conduta do mero técnico contemporâneo, mas não do tecnólogo (sendo o engenheiro seu protótipo), cuja atividade é sempre em alguma medida teórica e criativa. (p. 496-497).

Daí a importância da racionalidade instrumental que, supostamente preside a lógica interna de uma profissão. A racionalidade cognitiva, por sua vez, embora seja importante para formação intelectual, conduz a lógica da pesquisa e da produção de conhecimento dentro do campo profissional noutra direção.

Referências

- Baptista, M. V. (1992). A produção do conhecimento social contemporâneo e sua ênfase no Serviço Social. In *Cadernos ABESS*, 5, (pp. 84-95). São Paulo: Cortez.
- _____. (2009). Prática social/prática profissional: a natureza complexa das relações profissionais cotidianas. In V. M. Baptista & O. Battini. (Orgs.), *A prática profissional do Assistente Social: teoria, ação, construção de conhecimento*. (pp. 13-27). São Paulo: Veras.
- Barroco, M. L. (2004). A inscrição da ética e dos direitos humanos no projeto ético-político do serviço social. *Revista Serviço Social e Sociedade*, 1(79), 27-41.
- Cupani, A. A. (2004). Tecnologia como Problema Filosófico: Três Enfoques. *Scientiae Studia*, 2(4), 493-518.
- _____. (2006). La peculiaridad del conocimiento tecnologico. *Scientiae Studia*, 4(3), 353-71.
- Forti, V., & Guerra, Y. (2010). "Na prática a teoria é outra?". In V. Forti & Y. Guerra. (Orgs.), *Serviço Social: temas, textos e contextos*. (pp. 3-21). Rio de Janeiro: Lumem Juris.
- Jantsch, A. P. (1996). Concepção dialética de escrita-leitura: um ensaio. In L. Bianchetti. (Org.), *Trama e Texto: leitura crítica e escrita criativa*. (pp. 37-55). **1**. São Paulo: Plexus.
- Mitcham, C. (1997). Engineering Design Research and Social responsibility", In K. Shrader-Freschette & L. Westra. (Eds.), *Technology and Values*. (pp. 261-278). Lanham, MD: Rowman & Littlefield.
- Netto, J. P. (1989). Notas para a discussão da sistematização da prática e teoria em Serviço Social. In *Cadernos ABESS*, 3, (pp. 141-161). São Paulo: Cortez.
- Santos, C. M., & Noronha, K. (2009) *O estado da arte sobre os instrumentos e técnicas na intervenção profissional do assistente social a partir de uma*

perspectiva crítica: elementos constitutivos do debate. Anais do Simpósio “A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos na formação profissional do Assistente Social frente aos novos padrões de proteção social”. 1 (pp. 1-19), Juiz de Fora, MG, Brasil.

Sarmiento, H. B. (2009). Instrumentos e técnicas como um dos elementos da dimensão técnico-operativa da intervenção profissional. *Anais do Simpósio “A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos na formação profissional do Assistente Social frente aos novos padrões de proteção social”*. 1 (pp. 1-14), Juiz de Fora, MG, Brasil.

Trindade, R. L. P. (2009). Acervo técnico-operativo e ações profissionais no trabalho dos assistentes sociais nas políticas sociais. *Anais do Simpósio “A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos na formação profissional do Assistente Social frente aos novos padrões de proteção social”*. 1 (pp. 1-15), Juiz de Fora, MG, Brasil.

Vincenti, W. G. (1990). *What engineers know and how they know it*. London: The John Hopkins University Press.